

A NECRÓPOLE DE “AGRA DE ANTAS” (S. PAIO DE ANTAS, ESPOSENDE, BRAGA)

Domingos J. Cruz*
A. A. Huet B. Gonçalves**

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento na Beira Alta de um projecto de investigação sobre as práticas funerárias e/ou culturais da Idade do Bronze — inicialmente centrado nos vestígios dos finais deste período, a circunstância da similitude de formas cerâmicas exumadas num dos grupos tumulares entretanto estudado — “Casinha Derribada” (Mundão, Viseu) —, com outras do Norte de Portugal (num caso associadas a vasos de “largo bordo horizontal”), como também a necessidade de uma perspectiva geograficamente alargada de tais comportamentos, conduziu à avaliação de contextos e espólios de jazidas similares do Norte e Centro de Portugal, como também da Galiza.

O cemitério de inumação de “Agra de Antas” (S. Paio de Antas, Esposende, Braga), foi localizado nos finais dos anos 30. A circunstância de terem sido recolhidos, e conservados, no agora designado Museu de História Natural, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, os restos ósseos de uma das sepulturas, permitiu, decorridos cerca de 60 anos, a datação radiocarbónica destes resíduos e uma aproximação à cronologia do conjunto sepulcral, extensível, talvez, aos achados avulsos do mesmo tipo registados em sítios próximos.

Neste texto divulgam-se os resultados obtidos, fazendo-se também o historial da investigação do “vaso de largo bordo horizontal” e integração no contexto das práticas sepulcrais, e outras, da Idade do Bronze, centrada no Noroeste peninsular e região da Beira Alta.

2. DESCRIÇÃO DA ESTAÇÃO

Os achados a que se reporta esta nótula registaram-se em Maio de 1939, no sítio de “Agra de Antas”, lugar do Monte, freg. de S. Paio de Antas, conc. de Esposende, distrito de Braga. As coordenadas geográficas do local são, aproximadamente, as seguintes: 41° 36' 10" latitude norte; 0° 22' 07" longitude este (meridiano de Lisboa)¹ (Fig. 1).

* Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

** Museu de História Natural. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

1 – “Carta Militar de Portugal”, escala 1/25.000, fl. 54 (Marinhas— Esposende), 2ª ed., 1997.

O sítio foi então visitado por investigadores do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto — A. A. Mendes Corrêa, J. R. dos Santos Júnior e Carlos Teixeira. Este último e Alfredo Ataíde publicaram as informações recolhidas, dedicando particular atenção ao estudo antropométrico de um dos esqueletos, o único que não foi então destruído pela população [Ataíde e Teixeira, 1940].

Nas imediações situam-se outros vestígios arqueológicos de idade pré-histórica: o povoado de Talhoz, a cerca de 200 metros para leste do cemitério, ocupando o coruto de um pequeno cabeço; o habitat seria muralhado, fornecendo materiais das idades do Bronze e Ferro (cerâmica castreja); no interior do reduto terão sido identificadas “duas sepulturas”, pequenas, contendo vasos, podendo “tratar-se de túmulos de incineração”, já da Idade do Ferro [Almeida, 1986: 48]; duas mamoadas megalíticas e o conhecido menir de S. Paio de Antas [*idem, ibidem*: 43-44].

Os diversos achados do concelho de Esposende, no âmbito dos designados “vasos de largo bordo” — materiais, contextos, integração cronológico-cultural —, foram em tempo recente minuciosamente estudados [Soeiro, 1988].

Trata-se de cemitério com “cerca de uma dúzia” de sepulturas [Ataíde e Teixeira, 1940: 671]², de planta trapezoidal (Fig. 7 e 8), feitas com lajes de xisto ardoso, de diferentes dimensões, dispostas próximo umas das outras, a cerca de 0,20 m a 0,30 m de profundidade; algumas, pelas “diminutas dimensões (...) foram destinadas sem dúvida a crianças” [*idem, ibidem*]; a base era de terra, preparada para leito sepulcral com “uma camada de areia da praia” [p. 672]; a cista era então fechada com “larga placa de lousa” [p. 672] ou, como observou T. Soeiro, “ora por uma, ora por várias lousas” [1988: 38].

Os vasos então recolhidos, bem como outros provenientes do concelho de Esposende, encontram-se dispersos pelo Museu Nacional de Arqueologia (MNA), Museu de História Natural, da Faculdade de Ciências do Porto (MHN/FCUP), Museu Regional “Abade de Baçal” e coleções particulares. Os achados de “Agra de Antas”, totalizando 14 recipientes, conservam-se no Museu da Faculdade de Ciências do Porto, como também os restos ósseos da sepultura acima referida.

O conjunto ceramológico de “Agra de Antas” compreende 13 recipientes de corpo hemisférico, por vezes com carena marcada ou simplesmente esboçada; o fundo é geralmente redondo, mas pode também ser plano ou plano-convexo; 3 exemplares possuem asa de fita, de secção sub-rectangular, situada pouco abaixo do bordo; este é normalmente largo, horizontal ou levemente inclinado, por vezes com lábio saliente e escócia; 6 exemplares apresentam decoração, circunscrita ao bordo, sobretudo incisa (num dos casos brunida), à base de motivos lineares ou em “espiga”, normalmente em organização metopada. Para além destes, que se inscrevem bem no grupo cerâmico originalmente designado “em forma de chapéu invertido” [Fortes, 1905/08b], o conjunto inclui também um pequeno vaso de corpo subcilíndrico (“copo”), com fundo plano e bordo saliente inclinado para baixo [Soeiro, 1988: 38-39, fig. 5 a 9] (Fig. 3 e 6).

A. Ataíde e C. Teixeira, tal como já M. Cardozo [1936: 77] havia observado nos vasos provenientes de “Faisca” (Caldelas, Guimarães), assinalam, relativamente a “Agra de Antas”, que “quase todos os vasos se apresentam queimados interior e exteriormente, em particular do lado oposto à asa, quando esta existe” [p. 673], ocorrência confirmada por T. Soeiro; de facto, dos 14 vasos que formam o conjunto, 9 mostram vestígios de fuligem [Soeiro, 1988: 38-39].

Os restos osteológicos analisados provêm de uma das sepulturas (Fig. 7), com as seguintes dimensões: comprimento — 1,87 m; largura — 0,45 m (cabeceira) e 0,34 m (pés); altura — 0,36 m; a laje de cobertura ultrapassava em muito a abertura da cista, medindo 0,70 m de largura. O estudo antropológico revelou um indivíduo, do sexo masculino, com cerca de 50 anos e 1,69 m de altura [Ataíde e Teixeira, 1940].

O ritual era o da inumação. O corpo era deposto no leito sepulcral, de costas e com os membros estendidos. Em cada sepultura seria colocado um ou mais vasos, do lado direito da cabeça, quando único, de ambos os lados, ou também junto aos pés, quando o seu número ultrapassava o par [Ataíde e Teixeira, 1940: 672].

² – Em Outubro de 1990 registou-se o achado de uma nova sepultura, “a poente e no seguimento natural das aparecidas em 1939” [Almeida, 1989: 97]. Antes, na mesma área, ter-se-ão identificado outras [*idem, ibidem*].

3. OS CONTEXTOS DOS VASOS DE LARGO BORDO

À data da descoberta do cemitério de "Agra de Antas" já outros sítios tinham sido identificados, quer no Norte de Portugal, quer na Galiza; os últimos anos têm revelado novas estações, sobretudo habitacionais.

Os achados são principalmente ocasionais; este facto, associado a falta de observações minuciosas, análises complementares, etc., dificulta a interpretação funcional das jazidas; os agrupamentos seguintes, como outros entretanto publicados [Jorge, 1988; Soeiro, 1988; Bettencourt, 1997], utilizando-se a informação disponível em bibliografia, não são mais que uma aproximação:

cistas sem tumulus, feitas com 4 ou mais lajes, com cobertura, única ou com várias lajes, de planta rectangular ou trapezoidal: Agra de Antas (S. Paio de Antas, Esposende)³; Belinho (S. Paio de Antas, Esposende)⁴;

covachos, pouco profundos, abertos no solo, por vezes atingindo o saibro, de planta sub-rectangular ou ovalada, de fundo chato ("**sepulturas planas**"): Gulpilhares / Alto da Vela (Gulpilhares, V. N. de Gaia)⁵; Quinta da Bouça (Bairro, V. N. Famalicão)⁶; Monte de Baixo/Barqueiro (S. Cláudio do Barco, Guimarães)⁷; Coto da Laborada (Calvos de Randin, Ourense)⁸;

fossas, abertas no solo, por vezes atingindo o saibro, de perfil ovóide: Faisca (Caldelas, Guimarães)⁹; Quinta da Seara (Paçô, Arcos de Valdevez)¹⁰;

3 – Coleção constituída por quatorze recipientes, treze de largo bordo e um pequeno vaso subcilíndrico, com gola saliente. MHN/FCUP. Cfr. Ataíde e Teixeira, 1940; Soeiro, 1988: 37-39, figs. 5 a 9; Almeida, 1986: 49-51; *idem*, 1989: 97-98.

4 – Seguimos a ordenação de T. Soeiro [1988] para os diversos achados registados nas "abas da Cividade". Conhecem-se sete vasos com esta proveniência, seis de largo bordo e um de carena alta e base plana, mas apenas num dos casos é certa a origem "numa sepultura de lousa azul" (MNA-17529). Os restantes, depositados no Museu Nacional de Arqueologia (931.10, 9946, 9943), Museu Regional de Bragança (1 ex.), coleção de A. Correia de Oliveira (2 ex.), correspondem a achados avulsos, desconhecendo-se os contextos; admite-se que tenham sido recolhidos em sepulturas das imediações. Cfr. Soeiro, 1988: 36-37, figs. 2 (1, 2 e 3), 3 (1 e 2), 4 (1 e 2); Almeida, 1986: 56; Gonçalves, 1989: 489-490.

5 – Os vasos de largo bordo surgem nesta estação associados a outros tipos cerâmicos, sobretudo troncocónicos e subcilíndricos, alguns dos quais com aba larga, ou medianamente larga, com ou sem mamilos, com ou sem asa, anelar, de preensão vertical. Casa Municipal de Cultura / Solar Condes de Resende (V. N. Gaia). Cfr. Fortes, 1905/08b; *idem*, 1909; Guimarães, 1983: 40-41, fig. 2; Silva, 1993: 256, fig. 2 (2 a 4 e 9); Lobato, 1995.

6 – O contexto é incerto [Fortes, 1905/08a]. Deste sítio conhecem-se quatro recipientes cerâmicos: dois de largo bordo, um de corpo ovóide, fundo plano, colo alto, subcónico, com asa, outro de que se desconhece a forma (Silva, 1993: 257, fig. 2 (5 e 11)); nas proximidades, a cerca de 100 metros, achou-se um bracelete maciço de ouro (bem como um pequeno aro de metal, que "não parece d'ouro"), "à profundidade de 0,55 m", quando se procedia à surriba de "um terreno inculto da Quinta da Bouça", denunciando "antiga cava" em "área rectangular, que poderia corresponder em dimensões a um coval de inumação" (Fortes, 1905-08a: 413, fig. 3). As vasilhas, pelo menos duas, estariam "hermeticamente tampadas e contendo 'terra em pó' " (*idem, ibidem*: 413-414). O bracelete é simples, aberto, de secção circular, terminando com botões rudimentares obtidos por martelagem. Cfr. Silva, 1986: 255, nº 512, est. CXVI-3, tipo A1 (fase IA); Armbruster e Parreira, 1993: 113, nº 54.

7 – Dois vasos de largo bordo encontrados, em 1877, no "Monte de Baixo", lugar do Barqueiro, a S.SO. do monte de S. Cláudio, em terreno baixo, próximo do rio Ave, à profundidade de 3 palmos (0,66 m). Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento. Cfr. Sarmento, 1901: 125-127; Cardozo, 1936: 66-67 e 84.

8 – "As sepulturas descobertas foron catro, que aparecian postas en ringleira, case o pé das penedas que coroan o coto da Laborada e reducíanse a sinxelas fochas de forma ovóide, de un e meio a dous metros de longo, i-escavadas deica a fondura de un metro na camada de terra vexetal i-en parte tamén no sábreo do subsolo" (López Cuevillas e Lourenzo Fernández, 1930: 17). Foram identificados dois grupos de fossas, localizados a algumas centenas de metros um do outro; um dos grupos foi completamente destruído, o outro era constituído por quatro fossas, de planta ovalada, com 1,5 m a 2 m de comprimento e 1 m de profundidade; cada uma das fossas forneceu um ou dois vasos, hemisféricos de largo bordo e ovóides de colo alto, um dos quais decorado. Cfr. López Cuevillas, 1930; López Cuevillas e Lourenzo Fernández, 1930; López Cuevillas e Bouza Brey, 1931; López Cuevillas, 1947; López Cuevillas e Chamoso Lamas, 1958.

9 – Oito vasos de largo bordo. Achados ocorridos em Outº de 1935, "perto, e ao lado sul, do monte onde se encontra o conhecido Castro de Sabroso" [Cardozo, 1936: 67]. Trata-se de fossas ovóides, uma das quais media 1,10 m de profundidade e 0,80 m de diâmetro, formando pequenos agrupamentos; em cada grupo as fossas distanciavam-se umas das outras cerca de 2 m. Nas proximidades recolheram-se outros materiais, nomeadamente um vaso com "quatro asas", decorado com "a modos de um cordão torcido, no bordo" [*idem, ibidem*: 69], outra cerâmica grosseira e pedras de mó [*idem, ibidem*: 69 e 75]. Mário Cardozo anota ainda que "quási todos [os vasos] se apresentam requemados, interior e exteriormente, com uma crosta negra no lado oposto à asa [...], denotando terem sofrido a acção do fogo particularmente nessa zona" [*idem, ibidem*: 77]. Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento. Cfr. Cardozo, 1936.

10 – Vaso de largo bordo, com orifício feito antes da cozedura na parte inferior do corpo (Paco, 1933: 275; Soeiro, 1988: 44, fig. 14 (1), e fragmento do bordo de um outro (Paço, 1933: 275). Achado ocasional, em 1903 (em "campo de urnas" seg. o texto da ficha do Museu). MNA-9929. Cfr. Soeiro, 1988.

reutilização de antigos sepulcros com tumulus: Chã de Arcas/Cumieira (Vale, Arcos de Valdevez)¹¹; Chafé (Chafé, Viana do Castelo)¹²; Outeiro de Rei (Guillar, Lugo)¹³; Xendive (Boborás, Ourense)¹⁴; Marco de Camballón 5 (Vila de Cruces, Pontevedra)¹⁵; Mamoia de Martul (Outeiro de Rei, Lugo)¹⁶;

povoados, abertos, de meia encosta ou ocupando esporões sobranceiros a terras de vale, por vezes com fossas abertas no saibro, em alguns casos com ocupação anterior, ou também reocupados em épocas posteriores: Penacova (Vale, Arcos de Valdevez)¹⁷, Pedroso (Rego, Celorico de Basto)¹⁸, Bouça do Frade (Campelo, Baião)¹⁹; Sola (Palmeira, Braga)²⁰; Santinha (Amares, Braga)²¹; Terroso (Terroso, Póvoa de Varzim)²²; Talhoz (S. Paio de Antas, Esposende)²³; Portecelo (O Rosal, Pontevedra)²⁴; Costa da Seixeira (O Hio, Pontevedra)²⁵.

11 – “Apareceram alguns cacos destes vasos [largo bordo], que são de sepulturas de incineração, sobre as mamoas do sítio [2º grupo de mamoas de Chã de Arcas, Cumieira]” [Costa, 1930: 142]. MNA-9937. Cfr. Soeiro, 1988: 43-44, fig. 12-2. Os monumentos megalíticos de Chã de Arcas foram inventariados por Félix Alves Pereira [1902].

12 – Mamoia dolménica, com câmara constituída por, pelo menos, cinco esteios, presumivelmente *in situ*. Situa-se em Lordelo, nas proximidades de uma cista de planta rectangular, aparentemente sem *tumulus*, datável da Idade do Bronze [Silva e Marques, 1984]. O monumento terá fornecido materiais do Calcolítico ao Bronze Final, nomeadamente “fragmentos de cerâmica decorada com mamilos, asas e um largo bordo horizontal” [Silva e Marques, 1986: 207]. Cfr. Silva e Marques, 1986; Jorge, 1986: 853, 899 (nota infrapaginada 80).

13 – Mamoia com câmara funerária, dolménica ou cistóide, assim descrita por Angel del Castillo: “un recinto de piedras tapado com otra que formaba como un forno y en el que había carbones, como si fuera de hoy” [cit. em López Cuevillas e Chamoso Lamas, 1958: 278], onde se recolheu um vaso, hoje desaparecido, que pela descrição poderá corresponder a um vaso de largo bordo (“una vasija negruzca, como de unos 12 cuartillos, con los dos asas y fuerte borde de volta y como de una cuarta de boca”, seg. A. del Castillo, cit., *idem, ibidem*). Cfr. López Cuevillas e Chamoso Lamas, 1958.

14 – Achados avulsos em mamoia, cujas características se desconhecem. O espólio é constituído por um vaso de “largo bordo”, não decorado, com orifício circular no centro da pança feito antes da cozedura, fragmentos de um vaso de corpo ovóide e um machado de xisto negro. Cfr. Bouza Brey, 1936; López Cuevillas, 1947: 3; López Cuevillas e Chamoso Lamas, 1958: 278; Eguileta Franco, 1987: 39-40, fig. 10.32 e 33, est. VII.32; Fuente Andrés, 1988: 170, fig. 8.2.

15 – Monumento megalítico em cujo *tumulus* foram identificadas duas “fossas secundárias” [Fuente Andrés, 1988: 97], cada uma das quais forneceu “um vaso de este tipo [largo bordo], u otros também de forma evolucionada, tapados por una piedra plana” (*idem, ibidem*: 97). Cfr. Calo Lourido e Sierra Rodríguez, 1983: 65-66, fig. 10; Fuente Andrés, 1988.

16 – Vaso de largo bordo, com decoração na aba e bojo, neste aspecto lembrando o exemplar de “Monte da Ola”. Cfr. Suárez Otero, 1997.

17 – Fragmentos de um vaso de largo bordo, associado a outros materiais, líticos e cerâmicos, datados por Félix Alves Pereira da “época do cobre” [Costa, 1930: 142]. Cfr. Costa, 1930: 142; Soeiro, 1988: 41 e 44, fig. 14-2.

18 – Povoado de fossas abertas no saibro que, entre outros materiais, sobretudo cerâmicos, forneceu fragmentos de vasos de largo bordo. Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga). Cfr. Lemos, Martins e Delgado, 1981: 32-36; Jorge, 1988: 73-74, 79, 81. Decorridos 20 anos, os resultados desta importante estação permanecem inéditos. Diríamos, repetindo as palavras de T. Soeiro [1988: 47, nota 22] que a “inexistência de escavações extensas e cuidadas não é, de qualquer forma, uma originalidade do Noroeste”.

19 – Povoado de fossas. Ocorrem fragmentos de vasos de largo bordo nas plataformas intermédia (sector IA) e superior (sector IIA), correspondendo a uma ocupação desde aprox. o séc. XVIII até ao séc. IX a.C. (anos históricos). Jorge, 1988; *idem*, 1996: 158 e 162.

20 – Povoado implantado em relevo de baixa altitude, na margem esquerda do rio Cávado, ocupado desde o Calcolítico até à Idade do Ferro/Romanização; o nível da Idade do Bronze revelou fragmentos de vasos de largo bordo, para além de duas estruturas cistóides, de plantas subcircular e sub-rectangular, interpretadas como sepulturas. Cfr. Bettencourt, 1991/92; *idem*, 1997.

21 – Povoado de fossas em colina residual, na margem direita do Cávado, com boas condições de visibilidade. Cfr. Bettencourt, 1995a: 115, nota 75; 1995b; 1997.

22 – “... colhido nas recentes explorações da cidade de Terroso, (...) no estrato lusitano-romano (...) [onde] colligimos ainda vários outros vasos trabalhados à mão” [Fortes, 1905/08b: 664, fig. 4 e 5]. Cfr. Fortes, 1905/08b; Pinto, 1928 e 1932.

23 – Não é absolutamente certa a ocorrência de cerâmica de “largo bordo” neste povoado, ainda que se admita a relação deste habitat com a necrópole de “Aguas de Antas”, que se situa a cerca de 200 m para leste. Cfr. Almeida, 1986: 47-48.

24 – Povoado aberto, situado na encosta ocidental da serra da Grova, cuja escavação forneceu fragmentos de vasos de largo bordo horizontal. Cfr. Cano Pan e Vázquez Varela, 1988; *idem*, 1991; Currás Peleteiro e Cano Pan, 1993.

25 – Povoado aberto, localizado a cerca de 200 m para norte do povoado de O Fixón em “media ladera con pendientes suaves y una topografía irregular” [Suárez Otero, 1993: 57]. O sítio forneceu material cerâmico e lítico, nomeadamente campaniforme, adscrevendo-se-lhe uma cronologia relativa do Bronze Inicial/Bronze médio. Cfr. Suárez Otero, 1993.

contexto indeterminado: Corvilho (Stº Tirso)²⁶; Póvoa (Guidões, Stº Tirso)²⁷; Monte da Ola (Vila Fria, Viana do Castelo)²⁸; Barroso (Vila da Ponte, Montalegre)²⁹; Touguinha (Touguinha, Vila do Conde)³⁰; Caldelas (Caldelas, Amares)³¹; Veiga (S. Martinho de Sande, Guimarães)³²; sítio indeterminado de Arcos de Valdevez³³.

São cerca de 30 os sítios do Norte de Portugal e da Galiza que forneceram exemplares deste tipo cerâmico: 9 são povoados, 14 reportam-se a contextos funerários, ou funerário-culturais, ou pelo menos assim poderão ser entendidos face às características das estruturas, espólio e ritual.

Desta compilação destacamos os seguintes aspectos:

1) a distribuição ocidental, sobretudo litoral, dos vasos de largo bordo, limitada ao Noroeste da Península Ibérica, com elevada concentração na província do Entre-Douro-e-Minho; os achados mais interiores (vertentes ocidentais) registam-se em antigos monumentos megalíticos (Outeiro de Rei e Martul, Lugo; Marco de Camballón, Pontevedra; Xendive, Ourense), possíveis sepulturas em fossas ovóides (Quinta da Seara, Arcos de Valdevez), povoados de fossas (Pedroso, Celorico de Basto; Bouça do Frade, Baião), ou contexto desconhecido (Barroso, Montalegre) (Fig. 2);

2) a decoração, limitada à aba dos vasos, segundo as técnicas incisa, impressa e brunida; a temática decorativa, com organização linear ou metopada — sobretudo esta última —, privilegia os motivos em “espiga”, simples ou dupla, “foliáceos”, grupos de sulcos, paralelos ou com disposição irregular, incisos ou brunidos, fiadas de puncionamentos simples agrupados, etc., por vezes em associação múltipla; no sítio de “Faisca”, a decoração de dois dos vasos intercala cordões em relevo com motivos incisos;

3) alguns exemplares, como o de Barroso, Monte da Ola e Martul, são formal e decorativamente mais elaborados; a decoração poderá estender-se, neste caso, ao corpo e asa do recipiente (Monte da Ola);

4) os vasos de largo bordo recolhidos em povoados, para além de escassos, apresentam-se muito fragmentados, como é habitual em sítios de habitat (Bouça do Frade, Sola, Seixeira, etc.); ao invés, os provenientes de outros contextos, estão intactos ou pouco fragmentados, permitindo a reconstituição total ou quase total³⁴;

5) nestes, alguns exemplares apresentam um orifício na parte média ou inferior do corpo, executado antes da cozedura (Quinta da Seara, Xendive, Monte da Ola), situação que se repete, em

26 – Achado acidental, em 1915, de seis vasos: hemisféricos de base plana, troncocónicos e subcilíndricos, dois dos quais de largo bordo. Do mesmo sítio provém um bracelete maciço, em bronze, com aro subcircular, de extremidades arredondadas, com decoração geométrica, incisa e puncionada, mas não é certa a sua associação aos vasos cerâmicos. Museu Municipal de Stº Tirso. Cfr. Santarém, 1956; Sanches, 1982; Castro Pérez, 1997.

27 – Contexto desconhecido. Um vaso de largo bordo e o fragmento de um outro, oferta do Abade Sousa Maia a J. L. Vasconcellos (MNA-9944 e 9945). Cfr. Vasconcellos, 1905; Paço, 1933: 276; Castelo Branco, 1963:38; Soeiro, 1988: 42, fig. 11 (3 e 4); Gonçalves, 1989: 490.

28 – O achado é relatado no “Sumário das Actas da Secção de Arqueologia Pré-histórica”: “o mesmo senhor [Tomás] Simões Viana encontrou ainda em Vila Fria, próximo de Viana do Castelo, na margem esquerda do Lima, três vasos de rebordo horizontal que se achavam quasi à superfície” [*Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I (3), 1932, p. 52]. A. do Paço, que publicou um dos recipientes, assinala que foram encontrados “num lugar chamado “Monte da Ola”, três vasos de barro escuro” [1933: 272]. Conhece-se apenas um dos exemplares [Soeiro, 1988: 43, fig. XII]; apresenta um orifício na parte inferior da panca, feito antes da cozedura. Cfr. Paço, 1933; Ferreira, 1971; Soeiro, 1988.

29 – Vaso de largo bordo [Soeiro, 1988: 44, fig. 15], cujo contexto se desconhece. Museu de História Natural, Faculdade de Ciências do Porto.

30 – Achados avulsos em “uma horta na freguesia de Touguinha” [Fortes, 1905/08b: 662]. Trata-se de 2 vasos de largo bordo e um troncocónico [*idem*, fig. 1 a 3; Soeiro, 1988: 42, fig. 11-1 e 2].

31 – Vaso de largo bordo, inédito, “de fundo hemisférico”, com decoração “incisa, formada por traços, pontos, etc.” [Medeiros, Teixeira e Lopes, 1975: 58] sobre a aba, cujo contexto se desconhece; achado “perto de Caldelas [...] durante trabalhos de lavoura”. Cfr. Medeiros, 1975; Sanches, 1980: 13; Soeiro, 1988: 43.

32 – Referência a achado, em 1979, de vasos (ou vaso) de largo bordo. Inédito. Cfr. Soeiro, 1988: 43.

33 – Vaso de largo bordo oferecido ao Museu Nacional de Arqueologia pelo rev. pe Manoel J. da Cunha Brito; “achado casual [1903] feito ao arrotar uma terra virgem” [Pereira, 1904: 37]. MNA-17560. Cfr. Soeiro, 1988: 44, fig. 13-1.

34 – Vide, a este propósito, Cardozo, 1936: 74.

outras formas cerâmicas, em contextos de carácter funerário, como, p. e., no vaso subcilíndrico, exvasado, da cista de Buriz (Guitiriz, Lugo), com dois orifícios na metade inferior do corpo [González Reboredo, 1971], ou numa das urnas do cemitério do Paranho (Tondela, Viseu) [Cruz, 1997];

6) a ocorrência de vasos de largo bordo em associação com outras formas cerâmicas, nomeadamente troncocónicos e subcilíndricos, com ou sem mamilos, com ou sem asa, por vezes com bordo largo (Agra de Antas, Corvilho, Touguinha, Gulpilhares / Alto da Vela), de corpo ovóide, colo mais ou menos desenvolvido, subcónico ou cilíndrico (Quinta da Bouça, Coto da Laborada), etc.; já a associação a jóias ou a artefactos metálicos é mais incerta, ainda que se admita numa ou noutra situação (Quinta da Bouça, Corvilho);

7) a uniformidade, em alguns casos, dos gestos rituais, parecendo significar tipificação: a colocação de um ou mais vasos, com a abertura para cima, nos cantos das cistas e sepulturas planas, ou a meio do enchimento, quando se trata de fossas ovóides; a situação não é distinta da que se regista em cistas e sepulturas planas com outras formas cerâmicas (Tapado da Caldeira, Baião³⁵; Lordelo, Viana do Castelo³⁶; Chedeiro, Ourense³⁷; Gorgolão, Montalegre³⁸, etc.); a ocorrência, ainda que não sistemática, de carvões e cinzas, por vezes em grande quantidade, como se assinala em Faisca³⁹, Coto de Laborada⁴⁰, etc.; de igual modo, o registo de fuligem no lado oposto ao da asa, tanto em exemplares de contextos sepulcrais, como habitacionais, como se observou, por ex., na Bouça do Frade⁴¹;

8) em dois casos menciona-se a existência de lajes servindo de tampas aos recipientes (Quinta da Bouça, Marco do Camballón 5);

9) em duas situações observou-se a disposição agrupada dos covachos, formando pequenos núcleos (Faisca, Cota da Laborada), o que poderá também ter ocorrido em “Agra de Antas” (Ataíde e Teixeira, 1940: 671, fig. 1); já a orientação das sepulturas não parece obedecer a padrão definido⁴².

Os investigadores que na primeira metade deste século dedicaram atenção a este tipo de vasos consideram-nos, de um modo geral, de utilização “caracterizadamente funerária” [Cardozo, 1936: 87], ou “indiscutivelmente funerária”, como no-lo dizem A. Ataíde e Carlos Teixeira [1940: 669], quando do estudo de “Agra de Antas”. Neste último caso os recipientes seriam “colocados junto dos cadáveres” e serviriam “para conter manjares destinados ao sustento do finado na longa viagem que empreendera após a morte” [*idem, ibidem*]. As fossas ovóides do sítio de “Faisca” (Caldelas, Guimarães), são interpretadas como “simples sepulturas planas, de inumação ou de incineração” [Cardozo, 1936: 71] que, para além de um ou mais vasos [p. 84], estavam preenchidas com “terra escura e pouco endurecida, da mesma natureza da que enchia toda a cova” [p. 72]; os vasos serviriam “para conter comida, quer o rito fosse o da incineração, quer o da inumação” [p. 79].

F. López Cuevillas e X. Lourenzo Fernández [1930], ao tratarem das fossas de planta ovalada de um dos grupos de Coto da Laborada (o único que pôde ser observado), relatam que o conteúdo dos covachos era de “unha poeira cincenta, moi solta e lixeira” [p. 17], concluindo que “as sepulturas de Calvos gardaban incinerazóns que posibelemente practicáronse nas mesmas focgas, deixando

35 – Cfr. Jorge, 1980.

36 – Cfr. Silva e Marques, 1984.

37 – Cfr. Taboada Chivite, 1971; Rodríguez Colmenero, 1971; Delibes de Castro e Rodríguez Colmenero, 1976.

38 – Cfr. Silva, 1994.

39 – “Na parte subjacente ao vaso, encontravam-se, por vezes, filões de cinzas e carvão, à mistura com terra” [Cardozo, 1936: 72]. De qualquer modo, na única sepultura escavada pessoalmente por M. Cardozo, “notava-se a ausência completa de cinzas” [p. 74]; num outro passo, assinala que “várias covas, onde se encontravam os vasos depositados, não revelaram cinzas nem carvão” [p. 79], o que o levará a afirmar “que os ritos necrolátricos adoptados nesta necrópole fossem conjuntamente o da incineração e o da inumação” [p. 79].

40 – López Cuevillas e Lourenzo Fernández, 1930: 17.

41 – Cfr. Jorge, 1988: 43.

42 – A crer na planta da necrópole de “Agra de Antas” [Ataíde e Teixeira, 1940: 671, fig. 1], as sepulturas estão distintamente orientadas (aprox. E.-O.; S.-N.; SE.-NO.); os próprios autores referem que não haveria “qualquer orientação especial” [p. 671], situação que podemos também observar em outros contextos da Idade do Bronze do Noroeste Peninsular [Cruz, 1991: 141].

como vestígio a poeira cinzenta (...) [e] (...) que as vasixas grandes e de boca ancha, que se asoelaron en tres de elas, debían servir de urnas cinerarias e as outras mais pequenas pra gardar ofrendas mortuorias" [p. 20].

Neste mesmo sentido se pronunciará A. Bouza Brey [1936] relativamente ao vaso de largo bordo, inclinado, com furo a meio da pança feito antes da cozedura, recolhido em Xendive (Boborás, Ourense); o orifício do recipiente serviria para "dar saída ao espírito dos mortos cujas cinzas se guardarían neste vaso de indubitável carácter funerário, previo rito de incinerazón" [p. 234].

Félix Alves Pereira refere-se às fossas secundárias das mamoa de Cumieira (Arcos de Valdevez) como "sepulturas de incineração", admitindo que "estes indícios de incineração talvez indiquem uma sobreposição dos dois ritos funerários"⁴³. Na Galiza, a Mamoa 5 de "O Marco de Camballón" (Vila de Cruces, Pontevedra), revelou também fossas praticadas no *tumulus* do monumento, tratando-se de "deposicións rituais de carácter secundario sin vencellamento algún con a ritualidade necrológica orixinal de aqueles moimentos" [Calo Lourido e Sierra Rodríguez, 1983: 67].

A este tipo de estruturas sempre foi atribuída funcionalidade sepulcral, oscilando, quanto aos ritos, entre a incineração, justificada em alguns casos com a presença de cinzas e carvões, e a inumação, clara em Agra de Antas, atribuída aos covachos, pouco fundos, sem estrutura interna de pedras, e às fossas ovóides, ainda que, por vezes, se reconheça a exiguidade do espaço disponível para a sua prática⁴⁴.

Em tempo recente, face à ocorrência de diferentes tipos de fossas em povoados dos finais da Idade do Bronze, discutiu-se a funcionalidade destas estruturas [Jorge *et alii*, 1980]; primariamente utilizadas como silos e/ou fossas detriticas, admitia-se, contudo, uma reutilização pontual como sepulturas, sobretudo de inumação, atendendo a que o ritual incineratório, por influência dos "Campos de Urnas", corresponderia no Noroeste Peninsular a um momento muito tardio, já da 1ª Idade do Ferro [Jorge, 1988: 96]. Estas circunstâncias terão conduzido, quer à desvalorização de alguns, ainda que poucos, indícios que poderiam apontar no sentido de práticas incineratórias, ou pelo menos de carácter ritual (tipo de enchimento das fossas e estratigrafia, ocorrência de resíduos relacionados com o fogo, deposição intencional de vasos cerâmicos a meio do enchimento, etc.), quer à atribuição de funcionalidade sepulcral a estruturas que, pela observação daqueles aspectos, aconselharia a interpretação no âmbito habitacional, como aconteceria com as fossas de Beiriz (Póvoa de Varzim) (Silva *et alii*, 1985)⁴⁵.

É hoje certo que o ritual incineratório terá sido introduzido no Noroeste Peninsular em momento anterior àquele que tradicionalmente se preconizava, pelo menos desde o Bronze Inicial, em quadro de gestos rituais múltiplos e diversos; as construções, muitas vezes interpretadas como unidades isoladas, integrarão certamente complexos de estruturas de carácter funerário-cultural⁴⁶. São exemplos desta complexidade, como das práticas incineratórias em momentos recuados, os cemitérios de Agro de Nogueira (Corunha) [Meijide Cameselle, 1996] e Gandón (Pontevedra) [Peña Santos, 1985; Meijide Cameselle, 1996], na Galiza; os monumentos da "Serra da Muna" [Cruz, Gomes e Carvalho, 1998b] e "Casinha Derribada" [Cruz, Gomes e Carvalho, 1998a], para além da "Fonte da Malga" [Kalb e Höck, 1979; Kalb, 1993] e do "Paranho" [Cruz, 1997], na Beira Alta; as incinerações do "Monte de S. Domingos" (Castelo Branco) [Cardoso, Caninas e Henriques, 1997], na Beira Baixa; ou mesmo as incinerações do(s) cemitério(s) do Castelo de Alpiarça (Santarém) [Kalb, 1981/82], para as quais se dispõe de datações radiocarbónicas que as situam nos finais da Idade do Bronze⁴⁷, em consonância, aliás, com as incinerações do Paranho, em cujo aro cultural se integrarão.

43 – Cfr. Costa, 1930: 142

44 – Cfr. Cardozo, 1936: 79.

45 – A reutilização sepulcral de fossas que anteriormente funcionaram como silos nem sempre é clara; a ocorrência de restos humanos em fossas inscritas no aro dos povoados não significará necessariamente práticas sepulcrais, nem também culturais. O tratamento dado ao corpo em algumas destas situações não é muito diferente do reservado ao lixo, como se pode observar, p. e., nas fossas com este tipo de resíduos do povoado de Caserío de Perales del Rio (Getafe, Madrid). Cfr. Concepción Blasco *et alii*, 1991.

46 – Cfr. Cruz, Gomes e Carvalho, 1998a.

47 – Texto em preparação para publicação.

PORTUGALIA

N.º Ord.	Identificação	Descrição	Ref. Lab.	Datação B	Calibração (AC) (Pearson e Stulver, 1993)										Obs.	Ref. bibliográficas	
					Intercepção	1 sigma		2 sigma		Método B		1 sigma		2 sigma			
						1	2	1	2	%	2	%	1	2			%
1	Chã de Parada (Baião, Porto)	dólmen de corredor, possível reutilização	GI1-7672	3940±80	2459	100	2497-2314	2615-2193	2560-2527	12	2842-2827	1	carvão vegetal; entre as pedras da "estrutura de fecho" do átrio (sanja leste)	Cruz, 1992, 1995			
2	Mamoas das Cabras (Baião, Porto)	"tumulus" baixo; reutilização?	CSIC-1057	3850±60	2289	2453-2423	2466-2134	2450-2447	2	2465-2136	100	amostra 4, camada 3, quad. E5	Cruz, 1992, 1995 Stockler, 1997				
3	Ilhade 3 (As Pontes, Corunha)	fossa sobre "tumulus", este último cobrindo uma antiga sepultura, associada a estruturas de madeira	GrN-19213	3855±60	2303	2454-2417	2468-2135	2451-2439	5	2464-2139	100	carvão vegetal	Vaquero, 1993b: 40B				
4	Reboredo 1 (As Pontes, Corunha)	"fossa" sobre "tumulus", fechado com pedras, associada a "estela"	GrN-19214	3820±70	2277	2387-2378	2464-2034	2396-2380	6	2462-2111	93	carvão vegetal presumível inumação individual	Vaquero, 1993b: 407 idem, 1993c				
	Moureira 7 (As Pontes, Corunha)	dólmen, simples, fechado; câmara de planta polig.; reut. de antigo sepulcro	CSIC-977	3820±35	2277	2312-2195	2398-2376	2308-2195	98	2399-2374	4	carvão de madeira; "solo" da câmara	Fábregas, 1990-91: 46 Cruz, 1995: 93				
5	Meninas 4 (Baião, Porto)	"cairn" baixo, com círculo periférico de pedras fincadas	CSIC-661	3830±50	2281	2399-2385	2458-2133	2394-2383	4	2455-2413	7	carvão vegetal; solo antigo enterrado cam. 4	Cruz, 1992, 1995				
6	Idem		CSIC-660	3800±50	2200	2289-2139	2451-2439	2297-2139	100	2451-2438	1	idem	Cruz, 1992, 1995				
	média ponderada			3815±36	2274	2292-2193	2387-2378	2299-2192	93	2400-2374	3	Teste estatístico T - .17					
7	Serra da Muna 2 (Viseu)	incineração em cavidade natural, coberta com tumulus em pedra;	CSIC-1102	3700±30	2120	2135-2070	2183-2163	2134-2072	69	2179-2185	3	carvão vegetal; am. 3	Cruz, Gomes, Carvalho, 1998b				
8	Idem	"cairn"	CSIC-1103	3670±30	2031	2122-2083	2136-1940	2119-2085	34	2135-2071	36	idem; am. 4					
9	Idem		GrN-20793	3570±60	1892	1973-1872	2114-2087	1975-1871	66	2113-2088	2	idem; am. 2					
	média ponderada			3671±22	2032	2113-2088	2130-2079	2113-2088	32	2128-2080	35	Teste estatístico T - 3.49					
10	Outeiro de Gregos 1 (Baião, Porto)	cista megalítica, câmara de planta poligonal, com círculo lítico na parte média do "tumulus"; estrutura	CSIC-772	3620±50	1957	2032-1990	2133-2074	2031-1992	28	2134-2073	12	carvão vegetal; terra veg. sob laje horizontal da estrutura periférica	Cruz, 1992, 1995				
11	Idem	periférica a nascente	CSIC-771	3360±50	1671	1731-1727	1746-1517	1731-1728	1	1741-1521	100	idem					
12	Outeiro de Gregos 5 (Baião, Porto)	"cairn" baixo; est. central n/ident.	CSIC-773	3250±60	1516	1598-1565	1675-1404	1601-1563	23	1672-1654	2	carvão vegetal terras subjacentes ao "cairn"	Cruz, 1992, 1995				
13	Sola (Braga)	povoado, em relevo baixo; ocupação Cal./Br./Fe/Rom.; estruturas cistóides na área habitacional	ICEN-1274	3310±110	1597	1734-1720	1879-1832	1732-1726	2	1879-1851	4	carvão vegetal estrutura cistóide n.º 1	Bettencourt, 1991/92 idem, 1997: 629				
14	Idem		UIC-4785	3315±40	1601	1670-1669	1683-1511	1621-1524	100	1684-1508	100	idem					
	média ponderada			3314±40	1601	1629-1521	1628-1511	1621-1524	100	1684-1510	100	Teste estatístico T - .00					
15	Tapado da caldeira (Baião, Porto)	sepulturas abertas no saibro, de planta sub-retangular, de provável inumação	KN-2769	3290±55	1525	1623-1512	1684-1428	1670-1669	0	1680-1436	100	carvão vegetal sepultura 2	Jorge, 1985				
16	Idem		KN-2770	3210±55	1494	1519-1416	1607-1552	1517-1422	100	1613-1386	99	idem					
	média ponderada			3250±40	1516	1525-1492	1615-1422	1592-1582	7	1611-1425	100	Teste estatístico T - 1.00					
17	Tapado da Caldeira (Baião, Porto)	área contígua à necrópole, integrando o complexo de estruturas rituais	CSIC-597	2990±50	1254	1297-1281	1388-1335	1297-1280	2	1389-1341	7	carvão vegetal lareira; camada 2 B	Jorge, 1985				
18	Casinha Derrubada 3 (Viseu)	"cairn", de pequenas dimensões com fossa central	GrN-21303	3120±110	1401	1511-1259	1620-1044	1513-1257	98	1617-1048	100	carvão vegetal am. 13; terras do "tumulus"	Cruz, Gomes, Carvalho, 1988a				
19	Idem		Ox-A-5291	2985±60	1252	1302-1274	1395-1006	1308-1115	100	1387-1336	8	carvão vegetal am. 14; terras do "tumulus"					
20	Idem		Ox-A-4910	3115±65	1398	1430-1304	1515-1252	1435-1296	93	1516-1202	100	carvão vegetal am. 15; terras do "tumulus"					
	média ponderada			3056±42	1311	1391-1332	1411-1194	1388-1336	44	1410-1197	98	Teste estatístico T - 2.47					
21	Agra de Antas (Esposende, Braga)	necrópole de cistas	GrA-9653	2980±50	1251	1265-1119	1383-1340	1295-1284	4	1378-1345	4	ossos humanos; sepultura de inumação	Indétila				
22	Ponte da Pedra (As Pontes, Corunha)	"tumulus" pequeno, baixo sobre fossa, com "estela", construído sobre antiga sep. plana, em fossa	GrN-19216	2970±90	1196	1370-1370	1415-915	1302-1273	9	1402-974	97	carvão vegetal	Vaquero, 1993a: 43				

A NECRÓPOLE DE “AGRA DE ANTAS”

23	Paranho (Tondela, Viseu)	grupo de cistas, sem "tumulus", com semicírculo de pedras	GrN-22445	3020±80	1262	1392-1331 1329-1124	1430-1004	1384-1340 1323-1155 1147-1132	18 76 6	1422-1014	100	carvão vegetal cista 4; amostra 1	Cruz, 1997
24	Idem	fincadas	GrA-5425	2950±40	1152 1149 1130	1254-1242 1214-1111 1104-1060	1266-1008	1253-1243 1213-1112 1100-1066	6 74 20	1264-1013	100	carvão vegetal cista 1; amostra 1	
25	Idem		GrA-5410	2930±40	1120	1198-1178 1166-1140 1140-1032	1260-998	1195-1182 1164-1141 1139-1035	8 15 77	1258-1234 1224-1001	5 95	carvão vegetal cista 2; amostra 3	
26	Idem		GrA-5412	2880±40	1022	1117-993	1191-1188 1161-1143 1136-920	1116-993	100	1192-1187 1162-1143 1137-919	0 3 97	ossos humanos cista 2; amostra 1	
27	Idem		GrN-22444	2790±60	916	999-842	1113-1097 1079-812	994-893 882-848	77 23	1113-1099 1067-813	1 99	carvão vegetal cista 3; amostra 1	
média ponderada				2910±22	1112 1100 1066	1123-1030	1159-1144 1135-1006	1117-1042	100	1159-1145 1134-1006	3 97	Teste estatístico T ² - 7.32 x ² (.05) - 9.49	
28	Rapadouro 1 (V. N. Paiva, Viseu)	câmara central, sub-rectangular, com "cairn" envolvente, cron. calcolítica	GrA-9741	2820±50	976 965 935	1010-905	1017-836	1022-902	100	1114-1093 1083-840	3 97	ossos humanos; câmara; reutilização tardia	Inédita Escavações de D. J. Cruz
29	Aiplarça (Santarém)	Tanchoal dos Patudos incinerações em urna	GrA-9270	2830±50	987 956 944	1024-910	1122-841	1031-907	100	1118-891 887-846	93 7	ossos humanos vaso T27 (tipo Va)	Inéditas Marques, 1972: 28
30	Idem		GrA-9572	2790±50	916	994-892 884-847	1037-821	992-951 949-895 877-853	33 49 18	1039-820	100	carvão vegetal vaso T27 (tipo Va)	
média ponderada				2810±36	927	998-907	1031-844	994-911	100	1030-890 889-845	91 9	Teste estatístico T ² - .30 x ² (.05) - 3.84	
31	Bouça do Frade (Baião, Porto)	povoado de fossas; implanti. em meia encosta	CSIC-630	2720±50	837	907-813	978-963 937-800	899-821	100	980-961 939-800	3 97	carvão de madeira sector IIA, cam. 3	Jorge, 1988: 63-64
32	Idem		CSIC-631	2720±50	837	907-813	978-963 937-800	899-821	100	980-961 939-800	3 97	carvão de madeira sector IIA, cam. 3	
33	Idem		CSIC-632	2710±50	832	902-809	929-798	897-872 865-814	32 68	975-966 935-797	1 99	carvão de madeira sector IIA, cam. 3	
média ponderada				2717±30	836	897-870 869-820	911-808	896-875 859-821	34 66	906-811	100	Teste estatístico T ² - .03 x ² (.05) - 5.99	

Quadro I — Datações radiocarbónicas de sítios habitacionais e sepulcrais, do Calcolítico Final / Bronze Final, do Centro e Norte de Portugal e da Galiza.

Neste contexto, serão aqui de mencionar as estruturas cistóides, pequenas e pouco profundas, identificadas no interior do povoado da Sola (Braga), interpretadas, ainda que com base em indícios escassos, com sentido sepulcral [Bettencourt, 1991/92; 1997], tal como, aliás, a cista do povoado da Santinha (Amares, Braga) [Bettencourt, 1995a e b], com ocupação nos momentos finais da Idade do Bronze.

As construções do povoado da Sola não estão directamente associadas aos vasos de largo bordo, mas foram construídas na camada arqueológica que os forneceu; os carvões recolhidos no interior de uma das estruturas permitiu a definição da sua cronologia, entre os séculos XVII e XVI a. C. (Quadro I); já a cista do povoado da “Santinha”, contendo um pequeno vaso ovóide, de base plana, insere-se em camada arqueológica datada entre os séculos X e IX a.C.⁴⁸

A ser certa a interpretação funcional destas estruturas, teríamos a ocorrência de sepulturas no interior dos povoados, pelo menos desde o Bronze médio, o que parece não corresponder ao “padrão” até agora conhecido; de facto, os cemitérios com vasos de largo bordo, ou outros, relacionáveis com povoados próximos, localizam-se um pouco distantemente do habitat, como será o caso do cemitério do “Tapado da Caldeira” (admitindo-se, neste caso, que se relacionará com a ocupação inicial da Bouça do Frade), dos achados sepulcrais de Esposende (“Cividade”, castros de “Talhoz” e “Cova da Bouça”), etc.

5. ATRIBUIÇÕES CRONOLÓGICAS

A vigência dos vasos de largo bordo oscilou entre momentos muito recuados, situáveis nos finais do Neolítico, e muito tardios, da Idade do Bronze, ou dos seus finais e inícios da Idade do Ferro.

J. Leite de Vasconcellos [1905: 66; 1915: 98 e 176] foi o primeiro investigador a debruçar-se sobre a cronologia deste tipo cerâmico, mais por necessidade classificativa e ordenadora dos materiais do Museu que fundou; tendo por base os vasos de Belinho (Viana do Castelo) e de Penacova

⁴⁸ – Conhece-se uma datação radiocarbónica: CSIC-1085±50 BP (1006-809 cal. AC, para 2 sigma). Cfr. Bettencourt, 1997: 629.

(Arcos de Valdevez) considerou-os do Neolítico Final, cronologia que José Fortes [1905/08b), a propósito dos achados de Touguinha (Vila do Conde), pouco depois questiona face à ocorrência deste tipo cerâmico no “estrato lusitano-romano” da Cividade de Terroso, para além de integrarem o conjunto ceramológico do cemitério “lusio-romano” de Gulpilhares (V. N. de Gaia), então datado do séc. IV d.C.

Félix Alves Pereira, em comunicação à secção de Arqueologia Pré-histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses sobre o povoado de Penacova (Arcos de Valdevez)⁴⁹, utilizando similitudes decorativas⁵⁰, considera “que a idade destes vasos deve ser colocada na época do cobre, e não no fim do neolítico”⁵¹, cronologia seguida, pouco depois, por A. do Paço [1933] quando estudou um destes vasos, originalmente integrando um grupo de três, recolhido em circunstâncias desconhecidas no lugar do “Monte da Ola”.

Este exemplar, algo peculiar, pois a decoração, incisa e impressa com matriz, não se circunscreve à aba, cobrindo também a pança e a asa, para além de apresentar um orifício na base feito antes da cozedura, foi datado do Bronze inicial. O. da Veiga Ferreira, que mais recentemente se debruçou sobre o exemplar de “Monte da Ola”, valorizando a técnica de pontilhado, para além da organização decorativa em bandas, sobrepostas, definidas por linhas incisivas, internamente preenchidas com linhas oblíquas, dispostas em cada faixa com o mesmo sentido, admitiu a hipótese de cronologia adentro do Calcolítico Final, aventando que este tipo de vasos representaria “a réplica nortenha, em cronologia, dos vasos da cultura campaniforme” [1971: 17].

R. Serpa Pinto estudou também, nos finais dos anos 20, o conjunto de recipientes então conhecido, cuidando “não ser arriscado relacioná-los com a cerâmica castreja pré-romana” e que “os ornatos incisivos no bordo representam sobrevivências dos ornatos eneolíticos” [1928: 4]⁵², opinião repetida mais tarde acerca das decorações incisivas da cerâmica castreja, considerando que os vasos de largo bordo “são peculiares dos castros do norte de Portugal” [1932: 85].

Neste mesmo sentido se pronunciará Mário Cardozo [1936: 87], ainda que considere que “as circunstâncias imprecisas, ou incharacterísticas, em que se tem dado o aparecimento destes vasos, não permitiram ainda obter elementos que autorizem os estudiosos à fixação incontrovertida do período cultural em que devem ser integrados” [1936: 66].

F. López Cuevillas [1930], quando do estudo do primeiro grupo de vasos similares aparecidos na Galiza — Coto da Laborada, Ourense — refere que se trata de um grupo cerâmico sem “antecedentes claros nin no centro de Portugal nin no resto da Península, lembrando tan souo pol-a decorazón do borde e pol-a semellanza de alguns motivos, a certas cuencas e a determinados adornos da especie campaniforme que deben indudablemente infruir n-ela parecendo en secuencia que se trata de un tipo local de longa perduranza” [p. 281], concluindo “que a decorazón e polimento [...] obriganmos, pol-o que toca a cronoloxia a colocar istas duas pezas n-un momento do eneolítico pleo” [p. 282], ou “nunha fase findeira do eneolítico moi próxima xa a idade do Bronze” [López Cuevillas e Bouza Brey, 1931: 28], cronologia que é também atribuída por A. Ataíde e C. Teixeira à necrópole de “Agra de Antas”⁵³.

49 – “(...) onde à mistura com vários instrumentos, encontrou um bordo de vaso semelhante aos dos vasos hemiféricos de bordo com aba horizontal, em forma de chapéu de coco de aba direita” (extracto das actas das sessões da Secção de Arqueologia Pré-histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses). Cfr. Costa, 1930: 142.

50 – “Como a ornamentação é sempre do estilo rectilíneo e igual ao da cerâmica de Palmela e da Rotura, (...)”. Cfr. Costa, 1930: 142.

51 – Cfr. Costa, 1930: 142.

52 – Cfr. Gonçalves, 1984.

53 – “Um certo número de factos parece, pois, indicar para os vasos de largo bordo uma localização cronológica eneolítica ou próxima deste período, talvez numa época de transição do eneolítico para o Bronze inicial” [Ataíde e Teixeira, 1940: 683].

De resto, os vasos de largo bordo, nestes primeiros tempos da investigação da ocupação pré-histórica do Norte de Portugal e da Galiza, são considerados, para além de "unidade fíctil peculiar da região" [Fortes, 1905/08b: 665], isolados e de idade incerta [Aberg, 1921: 34] e curiosos, "provavelmente sincrónicos do último período dos machados de talão com dupla aselha, nos séculos imediatamente anteriores à introdução tardia da fase plena da Cultura da Primeira Idade do Ferro na área do Noroeste" [Savory, 1951: 337], ou da "Idade do Bronze tardia" [Savory, 1968 (1974): 224].

Em anos mais recentes, C. A. Ferreira de Almeida, no contexto de um trabalho sobre a cerâmica castreja, admitia para os vasos de largo bordo uma cronologia da "época final do Bronze e do início da Idade do Ferro" [1974: 181], período em que se terá assistido à "transição do rito de inumação para o da cremação" [p. 181], atestada pelos contextos sepulcrais conhecidos (sepulturas de inumação de S. Martinho de Antas, Esposende; os covachos, possíveis sepulturas de cremação, de S. Cláudio do Barco e de Caldelas, Guimarães).

Tais propostas valorizavam tanto similitudes formais, técnicas e decorativas, como os poucos contextos arqueológicos. Aquelas aproximavam-nos quer das formas, técnicas e padrões decorativos de materiais cerâmicos datáveis do Neolítico e do Calcolítico / Idade do Bronze, quer da Idade do Ferro (cerâmica castreja). Em abono desta cronologia mais tardia invocava-se, quase sempre, o facto de terem aparecido no "estrato lusitano-romano" da cidade de Terroso, como tinha sido assinalado por José Fortes [1905/08b: 664].

Os anos 80 no Norte de Portugal prestam novos contextos e contribuições de índole cronológica para este tipo de vasos. Referimo-nos às escavações desenvolvidas por S. O. Jorge no povoado de Bouça do Frade (Baião) [Jorge, 1988]. A ocupação da plataforma superior deste povoado (sector IIA) foi datada pelo processo de Carbono 14. A camada 3, correspondente à primeira ocupação, forneceu fragmentos cerâmicos de vasos de "largo bordo horizontal", associando-se à cerâmica "tipo Baiões", situando-se entre 900 e 800 a. C. A camada 2 regista a ausência deste tipo de vasos (persiste a cerâmica "tipo Baiões"), bem como o nível de ocupação do sector IIB (prolongamento do sector anterior, seccionado com a abertura de um estradão) [Jorge, 1988: 52].

Esta área do povoado forneceu cerâmicas tipo "Cogotas I", formal e tecnicamente distintas das dos materiais do mesmo "horizonte" recolhidos nas plataformas mais baixas (sectores IA e IB), a área escavada em 1987 e 1990 (resultados inéditos) e a necrópole do Tapado da Caldeira (1615-1422 cal. AC) (Quadro I; Fig. 4), articulável com a 2ª fase de "Cogotas I" [Jorge, 1988: 101-102, nota 32], o que permite formular a hipótese de a ocupação da plataforma IIB corresponder a um momento mais recente, da 3ª fase de "Cogotas I" [Jorge, 1988: 70 e 82]. Fragmentos de vasos de "largo bordo" ocorrem também numa destas plataformas intermédias (sector IA), pelo que a origem no local deste tipo cerâmico "pode ser bem mais antiga" (Jorge, 1988: 81), identificando-se as datações do sector IIB (camada 3) com os momentos finais da ocupação deste povoado [Jorge, 1988: 70].

As datações entretanto realizadas com amostras recolhidas nestes sectores mais baixos terão confirmado esta proposta de cronologia, para além da hipótese de uma evolução local deste tipo cerâmico [Jorge, 1996: 158 e 162], visível, pelo menos, no alargamento dos bordos.

A reanálise de materiais e contextos dos sítios do concelho de Esposende realizada por T. Soeiro [1988] permitiu também "um enquadramento cronológico das necrópoles de Esposende dentro da Idade do Bronze, sobretudo (...) das etapas tardia e início da final, em que se vulgarizam as inumações individuais em sepultura plana, correspondentes provavelmente a povoados de vocação agrícola, muitas vezes com fossas / silo" [Soeiro, 1988: 45].

Mais recentemente, no âmbito do projecto acima referenciado, o estudo dos contextos e cultura material dos monumentos tumulares da "Casinha Derribada" (Mundão, Viseu) [Cruz, Gomes e Carvalho, 1998a] conduziu à formulação da hipótese da possível relação dos contextos funerários e/ou culturais dos finais da Idade do Bronze da Beira Alta com outros de diferentes áreas da Península Ibérica, sobretudo o Noroeste Peninsular, numa ampla tessitura de relações e de comportamentos, ainda que evidenciando diversidade. De facto, o sítio da "Quinta da Bouça" (V. N. Famalicão, Braga), provável contexto funerário, de onde provêm quatro vasos, dois de "largo bordo" [Silva *et alii*, 1993, 256, fig. 2-5 e 9), dos restantes dois um é formalmente similar a um dos recipientes cerâmicos do Monumento 3 da "Casinha Derribada". A cronologia dos *tumuli* da Casinha Derribada situar-se-á aproximadamente entre 1400 e 1150 a.C. (Quadro I; Fig. 4).

É certo que este tipo de analogias é questionável, face à longa vigência, por vezes, de formas e padrões decorativos. Ainda assim, é admissível que as construções tumulares identificadas recentemente na Beira Alta se relacionem genericamente com estruturas e contextos, também diversificados, do Noroeste peninsular.

Neste sentido é também importante o povoado da Sola (Braga) [Bettencourt, 1991/92]. Este sítio revelou uma ocupação calcolítica, situável “entre os inícios até meados do III milénio AC” [p. 107] e da Idade do Bronze” adentro do II milénio AC” [p. 109].

A camada 2, correspondente a este último período, forneceu “grande número de vasos de “largo ou médio bordo”, lisos ou decorados, várias formas de potes, um fragmento de “copo” e outro de uma taça carenada” [p. 103]. A área associável a esta ocupação revelou “uma estrutura circular, revestida de lajes, bem como restos de outras duas, incompletas” [p. 103]. Segundo esta investigadora “trata-se de pequenas estruturas cistóides sem *tumulus*, de planta subcircular e sub-rectangular, inseridas dentro de contextos habitacionais” [1997: 622]; não revelaram qualquer espólio; os sedimentos da construção nº 1 forneceram “alguns carvões dispersos” [1997: 622], datados pelo processo de Carbono 14 (Quadro I; Fig. 4), definindo um período dos finais do séc. XVII e os finais do séc. XVI AC (1628-1511 cal. AC).

A confirmar-se a cronologia desta ocupação do povoado da Sola, a cerâmica de “largo bordo” poderá assim remontar ao segundo terço do II milénio a. C., confirmando-se a hipótese de cronologia mais recuada para este tipo de cerâmica, como já admitia S. O. Jorge [1988] e, mais recentemente, Suárez Otero [1993: 60] que, relativamente aos vasos “de borde revirado” [p. 60] do povoado de O Fixón / A Costa da Seixeira (Cangas de Morrazo, Pontevedra) considera ser mais “lógico pensar em una aparición temprana de ciertas formas cerámicas, como los citados vasos [de “borde revirado”] [p. 60].

6. CRONOLOGIA DA NECRÓPOLE DE “AGRA DE ANTAS”

Os restos ósseos da sepultura estudada Ataíde e Teixeira [1940], depositados no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, permitiram a realização, como dissemos, de uma datação radiocarbónica. A análise foi concretizada no laboratório de radiocarbono da Universidade de Groningen (Holanda), por espectrometria de massa de iões acelerados (AMS).

O resultado obtido foi o seguinte: GrA-9653: 2980±50 anos BP; a sua calibração fornece os seguintes valores: 1 sigma: 1265-1119 cal. AC; 2 sigma: 1383-1340 cal. AC e 1322-1019 cal. AC (Quadro I).

Assim sendo, a referida sepultura datará dos momentos iniciais do Bronze Final (circa 1400-800 a.C.); a probabilidade estatística (2 sigma) de que o que pretende datar se situe entre 1319 e 1029 cal. AC é de 96% (distribuição de probabilidades; método B).

A datação obtida é estatisticamente semelhante aos resultados radiocarbónicos de outros contextos funerários e/ou cultuais do Bronze Final do Norte de Portugal e da Beira Alta: lareira, certamente de carácter ritual (CSIC-597: 2990±50 BP), da necrópole do Tapado da Caldeira, que poderá relacionar-se com a deposição em fossa, sobre (e, portanto, posterior) a sepultura 3, de um vaso formalmente aparentado aos revelados pela necrópole do “Paranho” (Tondela, Viseu); *tumulus* 3 da “Casinha Derribada” (Viseu), contendo uma fossa, pequena, de planta sub-rectangular, com quatro vasos cerâmicos, integráveis genericamente no Bronze Final, um dos quais formalmente similar a um dos vasos da “Quinta da Bouça” (Famalicão, Braga) que, como vimos, terá aparecido associado a outros recipientes cerâmicos, nomeadamente dois de “largo bordo horizontal”; considerando a probabilidade estatística de 2 sigma, o “Paranho” (Tondela, Viseu), pequeno cemitério de ritual incineratório, será sincrónico destes contextos (Fig. 4).

O cemitério do “Tapado da Caldeira” (Baião, Porto), de possível ritual inumatório, será, de qualquer modo, anterior, situando-se nos finais do Bronze médio, relacionando-se, muito provavelmente, com os inícios da ocupação da “Bouça do Frade”, identificada nas plataformas inferior e média, cujas datações radiocarbónicas, ainda inéditas, apontarão nesse sentido; tanto esta ocupação inicial, como a final (plataforma superior), situável entre 900 e 800 a. C., forneceram exemplares de vasos de “largo bordo”; para além do aspecto da hipótese de uma evolução local desta forma cerâmica, a Bouça do Frade expressaria um período de vigência deste tipo cerâmico

desde o século XVIII até aos finais do século IX a.C., nestes últimos momentos em consonância com a cerâmica "tipo Baiões".

O povoado de Sola (Braga) parece confirmar esta maior antiguidade dos vasos de "largo bordo", cujos níveis com cerâmica deste tipo foram datados entre os finais dos séculos XVII e XVI a. C. Neste contexto, as incinerações identificadas em torno do Castelo de Alpiarça (Santarém) [Kalb e Höck, 1981-82], para as quais se obtiveram recentemente duas datações radiocarbónicas, situar-se-ão nos finais da Idade do Bronze, entre 1000 e 850 a. C., não contradizendo a cronologia do "Paranho", considerando a ambiência cultural dos "Campos de Urnas" em que ambas se integrarão e uma via de penetração continental, como admitimos em outro texto [Cruz, 1997] (Fig. 5).

7. NOTAS FINAIS

Recentemente, no contexto de trabalhos de campo realizados em estações da Beira Alta, integrados no projecto de investigação referido inicialmente, tivemos já oportunidade de destacar alguns aspectos relacionados com as práticas sepulcrais e /ou cultuais deste período [Cruz, 1997; Cruz, Gomes e Carvalho, 1988 a e b].

"Agra de Antas", para além da definição da sua cronologia, permite-nos reafirmar a coexistência de diferentes soluções sepulcrais (cistas, com e sem *tumulus*, sepulturas planas abertas no saibro, fossas ovóides, cistas pequenas e fossas sob *tumulus*, reutilização de antigos sepulcros, etc.) e rituais, sejam de carácter estritamente mortuário (inumação/incineração), ou outros, associados ou não àqueles, nos finais da Idade do Bronze, situação que deve percorrer todo este período (circa 2200-800 a. C.), senão mesmo desde os últimos séculos do Calcolítico (Fig. 5).

Por outro lado, os espólios que acompanham os restos funerários (ou servem para os conter, ou constituem elemento do cerimonial) são também diversos, não sendo de valorizar excessivamente os receptáculos, vistos amiudadamente como unidades individuais, com sentido cultural e cronológico, mas não raras vezes associados a outros, aparentemente de cronologia distinta.

De facto, como vimos, vasos de "largo bordo" surgem associados a outras formas, nomeadamente troncocónicos e subcilíndricos, de base plana (e nestes é possível observar exemplares com aba larga, ou medianamente larga, asa anelar, mamilos e cordões decorativos), como acontece nos sítios de "Corvilho" (S. Tirso), "Gulpilhares / Alto da Vela" (Gaia) e "Agra de Antas" (Esposende, Braga), ou ovóides, com colo mais ou menos desenvolvido (troncocónico ou cilíndrico), por vezes decorados ("Quinta da Bouça", Famalicão, Braga; "Coto da Laborada", Ourense); do mesmo modo, estruturas construtiva e ritualmente similares, por vezes na mesma área geográfica, fornecem espólios sem vasos de "largo bordo", mas com a presença daqueles.

Esta situação aconselhará à não dissociação destas diferentes formas cerâmicas, como também dos contextos e ambiência cronológico-cultural, podendo, por um lado, traduzir pluralidade ao nível das soluções construtivas e rituais, como evolução no sentido de formas mais esterotipadas, representada também nos povoados (Bouça do Frade, Sola e Seixeira), neste caso com sentido cronológico.

Coimbra, Outubro de 1998.

BIBLIOGRAFIA

- Aberg, N. (1921), *La civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Upsala/Leipzig/Paris.
- Almeida, C. A. B. (1986), "Carta Arqueológica do Concelho de Esposende", *Boletim Cultural de Esposende*, 9-10, Esposende, pp. 39-59.
- Almeida, C. A. Brochado (1989), "Carta Arqueológica do Concelho de Esposende", *Boletim Cultural de Esposende*, 15-16, Esposende, 1989, pp. 91-101.
- Almeida, C. A. Ferreira (1974), "Cerâmica castreja", *Revista de Guimarães*, 84 (1-4), Guimarães, pp. 171-197, XIX ests.
- Armbruster, B.; Parreira, R. (1993), *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de ourivesaria. 1º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa SEC / IPM.

- Ataíde, A.; Teixeira, C. (1940), "A necrópole e o esqueleto de S. Paio de Antas e o problema dos vasos de largo bordo horizontal", *Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 669-683.
- Bettencourt, A. M. (1995a), "Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal", in *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*, Lisboa, SEC/IPM/MNA, pp. 110-115.
- Bettencourt, A. M. (1995b), "O povoado da Santinha (Amares — Braga)", in *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*, Lisboa, SEC/IPM/MNA, pp. 60-61.
- Bettencourt, A. M. S. (1997), "Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular", *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular (Zamora, 1996)*, vol. II (coord. de R. Balbin Berhmann e P. Bueno Ramirez), Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, pp. 621-632.
- Bettencourt, A. M. S. (1991-92), "O povoado da Sola, Braga: notícia preliminar das escavações de 1991-92", *Cadernos de Arqueologia*, 8-9, Braga, pp. 97-118.
- Bouza Brey, F. (1936), "Vaso tumular de Gendive", *Boletín de la Academia Gallega*, vol. XXXI (nº 261), Corunha, pp. 236-241.
- Calo Lourido, F.; Sierra Rodríguez, X. C. (1983), "As orixenes do Castrexo no Bronze final", in *Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antigua de Galicia* (coord. de G. Pereira Menaut), Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 19-85. ["Cursos y Congresos", nº 30].
- Cano Pan, J. A.; Vázquez Varela, J. M. (1988), "Portecelo, un yacimiento de la Edad del Bronce", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, pp. 181-187.
- Cano Pan, J. M.; Vázquez Varela, J. M. (1991), "La economía de un yacimiento del comienzo del Bronce Final: Portecelo (O Rosal, Pontevedra)", in *Paleoecología e Arqueología II* (coord. de F. Queiroga e A. P. Dinis), Vila Nova de Famalicão, Centro de Estudos Arqueológicos Famalicenses, pp. 205-208.
- Cardoso, J. L.; Caninas, J. C.; Henriques, F. (1997), "Estruturas 1 e 2 do Monte de S. Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco)", in *Exposição. Aspectos da Pré-história da Beira Interior. Catálogo*, Tondela, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 14-16.
- Cardozo, M. (1936), "Novas urnas de largo bordo horizontal. Um tipo regional de cerâmica primitiva", *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 8 (1), Porto, pp. 65-87.
- Cardozo, M. (1971), "A estação pré-histórica da Penha", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 239-259.
- Castelo Branco, F. (1963), "Correspondência de Leite de Vasconcelos com o Abade Sousa Maia", *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, XXVI (1-2), Porto, pp. 29-73.
- Castro Pérez, L. (1997), "Brazaete de bronze de Santo Tirso", *Santo Tirso Arqueológico*, 2ª série, nº 1, pp. 5-11.
- Concepción Blasco, M.; Sanchez Capilla, M. L.; Calle, J.; Robles, F. J.; González, V. M.; González, A. (1991), "Enterramientos del horizonte protocogotas en el Valle del Manzanares", *CuPAUAM*, 18, Madrid, pp. 55-112.
- Costa, M. A. (1930), "Relatório da Secção de Arqueologia Pré-histórica 1929-1930", *Arqueologia e História*, 9, Lisboa, pp. 142-145.
- Cruz, D. J. (1992), *A Mamoia 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra ["Conimbriga / Anexos", 1].
- Cruz, D. J. (1995), "Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta", *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 81-119.
- Cruz, D. J. (1997), "A necrópole do Bronze Final do Paranho (Molelos, Tondela, Viseu)", *Estudos Pré-históricos*, 5, Viseu, pp. 85-109.
- Cruz, D. J.; Gomes, L. F. L.; Carvalho, P. M. S. (1998a), "O grupo de tumuli da "Casinha Derribada" (concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5", *Conimbriga*, 37, Coimbra, pp. 5-80.
- Cruz, D. J.; Gomes, L. F. L.; Carvalho, P. M. S. (1998b), "Monumento 2 da Serra da Muna" (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação", *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu, pp. 375-395 ["Estudos Pré-históricos", vol. VII].
- Currás Peleteiro, X. L.; Cano Pan, J. A. (1993), "Aproveitamento dos recursos líticos no xacemento do Bronze Final de Portecelo (O Rosal — Pontevedra)", in *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*, vol. II, Vigo, pp. 79-83.
- Delibes de Castro, G.; Rodríguez Colmenero, A. (1976), "Una nueva necrópolis de cistas en el noroeste peninsular", *Letras de Deusto*, vol. 6 (nº 12), Córdoba, pp. 181-186.
- Eguleta Franco, J. M. (1987), "Catálogo dos materiais ergolóxicos depositados no Museo de Ourense procedentes de túmulos prehistóricos", *Boletín Auriense*, vol. 27, Ourense, pp. 9-98.
- Esparza Aroyo, A. (1990), "Sobre el ritual funerario de Cogotas I", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 56, Valladolid, pp. 106-143.
- Fábregas Valcarce, R. (1990/91), "Industria lítica y mamoiás del Noroeste: algunos caracteres fundamentales", *Castrelos*, III-IV, Vigo, pp. 45-63.

A NECRÓPOLE DE "AGRA DE ANTAS"

- Fábregas Valcarce, R. (1995), "La realidad funeraria en el noroeste del Neolítico a la Edad del Bronce", in *Arqueoloxía da Morte. Arqueoloxía da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievalo* (coord. de R. Fábregas Valcarce, F. Pérez Losada, C. Fernández Ibáñez), Exm^o Concello de Xinzo de Limia, pp. 97-125.
- Ferreira, O. V. (1971), "Algumas considerações sobre os chamados vasos de largo bordo horizontal ou chapéu invertido e a sua distribuição em Portugal", *Arqueologia e História*, 9^a série, vol. III, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 9-20.
- Figueiral, I. (1997), "Necrópole do Paranho (Molelos, Tondela). Resultados da análise dos carvões vegetais", *Estudos Pré-históricos*, vol. V, Viseu, pp. 121-122.
- Fortes, J. (1909), "Gaya no passado", in *Mea villa de Gaya*, Porto, Empresa Editorial do Guia Ilustrado de Portugal, pp. 9-28.
- Fortes, J. (1905/08a), "Duas joias arcaicas", *Portugalia*, vol. II, Porto, pp. 412-416.
- Fortes, J. (1905/08b), "Vasos em forma de chapéu invertido (Villa do Conde)", *Portugalia*, vol. II, Porto, pp. 662-665.
- Fuente Andrés, F. (1988), "El material cerámico", in *Aproximaciones a la cultura material del megalitismo gallego: la industria lítica pulimentada y el material cerámico* (coord. R. Fábregas Valcarce e F. de la Fuente Andrés), Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela ["Arqueohistorica", 2].
- Gonçalves, A. A. Huet B. (1984), "Antologia dos artigos de Rui Serpa Pinto publicados no jornal poveiro "A Voz do Crente", *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, 23, Póvoa de Varzim, pp. 549-601.
- Gonçalves, A. A. Huet B. (1989), "Novos inéditos de Rui Serpa Pinto", *Boletim Cultural Póvoa de Varzim*, vol. XXVI, nº 2, Póvoa de Varzim, pp. 467-497.
- González Reboredo, J. M. (1971), "Vaso tumular de Buriz", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, vol. XXVI (nº 78), Santiago de Compostela, pp. 38-41.
- Guimarães, G. (1983), "Notas bibliográficas para o estudo do povoamento pré-castrejo do concelho de Vila Nova de Gaia", *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 36-44.
- Jorge, S. O. (1980), "A estação arqueológica do Tapado da Caldeira. Baião", *Portugalia*, n. s., vol. I, Porto, pp. 29-50.
- Jorge, S. O. (1985), "Datos de Carbono 14 para a Pré-história Recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas", *Arqueologia*, 12, Porto, pp. 154-183.
- Jorge, S. O. (1986), *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves — V^a P^a de Aguiar*, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, 3 vols. (dissertação de doutoramento).
- Jorge, S. O. (1988), *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto ["Monografias Arqueológicas", 2].
- Jorge, S. O. (1996), "Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do "registo arqueológico", in *Arqueologia. Percursos e interrogações* (coord. de S. O. Jorge e V. O. Jorge), Porto, ADECAP, 1996, pp. 151-172.
- Jorge, V. O.; Gonçalves, A. A. H.; Jorge, S. O. (1980), "As fossas ovóides abertas no saibro do concelho de Baião (distrito do Porto), e o seu significado no contexto da Arqueologia do Norte da Península Ibérica", in *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. I, Guimarães, pp. 133-144.
- Kalb, P. (1993), "Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze", *Estudos Pré-históricos*, 2, Viseu., pp. 415-426.
- Kalb, P.; Höck, M. (1979), "Escavações na necrópole de mamóas "Fonte da Malga" — Viseu, Portugal", *Beira Alta*, 38 (3), Viseu, pp. 593-604, XV Est.
- Kalb, P.; Höck, M. (1980), "Ausgrabungen in der Grabhügelnekropole "Fonte da Malga" (Viseu, Portugal)", *Madrider Mitteilungen*, 20, pp. 43-55.
- Kalb, P.; Höck, M. (1981-82), "Cabeço da Bruxa, Alpiarça (distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979", *Portugalia*, n. s., vol. II/III, pp. 61-69, XIII ests.
- Lemos, F. S.; Martins, M.; Delgado, M. (1981), *Actividade arqueológica 1976-1980*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho — Campo Arqueológico de Braga.
- Lobato, M. J. F. (1995), "A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia)", *Portugalia*, n. s., vol. XVI, Porto, pp. 31-110.
- López Cuevillas, F. (1930), "Novas cerâmicas das antas galegas", *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 4 (3), Porto, pp. 263-282.
- López Cuevillas, F. (1947), "Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal", *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 16 (1), Ourense, pp. 1-12.
- López Cuevillas, F.; Bouza Brey, F. (1931), "La civilización neo-eneolítica gallega", *Arquivo Español de Arte e Arqueologia*, nº 19, Madrid, pp. 10-28.
- López Cuevillas, F.; Chamoso Lamas, M. (1958), "Una necropolis de sepulturas planas", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, vol. XIII (nº 41), Santiago de Compostela, pp. 273-283.

- López Cuevillas, F.; Lourenzo Fernández, X. (1930), *Vila de Calvos. Notas etnográficas e folklóricas*, Santiago de Compostela [Seminário de Estudos Galegos].
- Marques, G. (1972), *Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*, Porto ["Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", nº 13]
- Medeiros, A. C.; Teixeira, C.; Lopes, J. T. (1975), *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50.000. Notícia explicativa da Folha 5B. Ponte da Barca*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- Meijide Cameselle, G. (1993), "La necrópolis del Bronce Inicial del Agro de Nogueira (Toques, A Coruña)", in *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*, vol. II, Vigo, pp. 85-88.
- Meijide Cameselle, G. (1996), "La necrópolis del Bronce inicial del Agro de Nogueira (Piñeiro, Toques, A Coruña) en el contexto funerario de su época", *Humanitas. Estudios en Homenaje a Prof. Dr. Carlos Alonso del Real*, vol. I, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 215-239.
- Paço, A. (1933), "Vaso de bordo horizontal, de Vila Fria", in *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, pp. 272-276.
- Pearson, G. W.; Stuiver, M. (1993), "High-precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, 500-2500 BC", *Radiocarbon*, 35, pp. 25-33.
- Peña Santos, A. de la (1985), "Las cistas de Gandón (Cangas de Morrazo, Pontevedra)", *El Museo de Pontevedra*, XXXIX, pp. 79-94.
- Pereira, F. A. (1902), "Um passeio archeologico no concelho de Arcos de Valdevez", *O Archeologo Português*, VII, Lisboa, pp. 193-209.
- Pereira, F. A. (1904), "Acquisições do Museu Ethnologico Português", *O Archeologo Português*, IX, Lisboa, pp. 37-39.
- Pinto, R. S. (1928), "Concelho da Póvoa de Varzim. Apontamentos arqueológicos", in *Voz do Crente*, nº 66, p. 4, Póvoa de Varzim, 6 de Julho de 1928.
- Pinto, R. S. (1932), "A Cividade de Terroso e os castros do Norte de Portugal", *Revista de Guimarães*, 42 (1-2), Guimarães, pp. 81-91.
- Rodríguez Colmenero, A. (1971), "La cultura megalítica en el alto Bubal", *Boletín Auriense*, vol. I, Ourense, pp. 31-60.
- Sanches, M. J. (1980), "Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto", *Arqueologia*, 1, Porto, pp. 12-19.
- Sanches, M. J. (1982), "Vasos da estação do Corvilho — St.º Tirso", *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 56-61.
- Santarém, C. M. F. (1956), "Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa", *O Concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural*, vol. IV (2), St.º Tirso, pp. 169-177.
- Sarmiento, F. M. (1901), "Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães", *Revista de Guimarães*, XVIII (fasc. 3 e 4), Guimarães, pp. 118-127.
- Savory, H. N. (1951), "A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa", *Revista de Guimarães*, 61 (3-4), Guimarães, pp. 323-377.
- Savory, H. N. (1974), *Espanha e Portugal*, Lisboa, Ed. Verbo [col. "Historia Mundi", vol. 14] (Versão original publicada em 1968).
- Silva, A. C. F. (1985), "As fossas ovóides de Beiriz e a problemática das práticas funerárias no final da Idade do Bronze", *Actas do Colóquio "Santos Graça" de Etnografia Marítima*, vol. III (Povoamento e Administração — Aspectos sociais), pp. 13-20.
- Silva, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Câmara Municipal de Paços de Ferreira / Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- Silva, A. C. F. (1993), "A Idade do Bronze em Portugal", in *Pré-história de Portugal* (dir. de A. C. F. Silva), Lisboa, Universidade Aberta, pp. 235-283.
- Silva, A. M.; Cunha, E. (1997), "As incinerações da necrópole do Paranho: abordagem antropológica", *Estudos Pré-históricos*, vol. V, Viseu, pp. 111-119.
- Silva, E. J. L.; Marques, J. A. T. M. (1984), "Escavação de uma cista em Lordelo (Anha — Viana do Castelo)", *Revista de História — U. L.*, vol. I, Porto, pp. 51-72.
- Silva, E. J. L.; Marques, J. A. T. M. (1986), "Escavação arqueológica da Mamoa de Chafé — Viana do Castelo (Notícia preliminar)", *Arqueologia*, 13, Porto, pp. 207-208.
- Silva, M. A. (1994), "A cista do Gorgolão (Vila da Ponte — Montalegre)", *Portugalia*, n. s., vol. XV, Porto, pp. 137-144.
- Soeiro, T. (1988), "A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende", *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura — 1985. Arqueologia*, vol. II, Esposende, Câmara Municipal de Esposende, pp. 35-62.
- Stockler, C. (1997), "Em torno da cronologia do megalitismo da Serra da Aboboreira: novas datas de 14C da Mamoa de Cabras (Amarante)", in *Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997)*. Livro do Colóquio, Tondela, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 18-20.
- Stuiver, M.; Reimer, P. J. (1993), "Extended ¹⁴C database and revised CALIB radiocarbon calibration program", *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230.

A NECRÓPOLE DE "AGRA DE ANTAS"

Suárez Otero, J. (1993), O Fixón: una perspectiva del Bronce Inicial en Galicia, in *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*, vol. II, Vigo, pp. 57-68.

Suárez Otero, J. (1997), "O vaso de Martul (Outeiro de Rei, Lugo) e o problema dos vasos de borde revirado no Noroeste hispánico", *Croa*, 7, pp. 22-29.

Taboada Chivite, J. (1971), "Noticias arqueológicas de la region del Támega (Verín)", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, vol. 26 (78), Santiago de Compostela, pp. 45-63.

Vaquero Lastres, J. (1993a), "Túmulos del NW peninsular: escenas", *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*, vol. I, Vigo, pp. 39-45.

Vaquero Lastres, J. (1993b), "Túmulos tardíos en el NW. RB1: estructuras", *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*, vol. I, Vigo, pp. 405-410.

Vaquero Lastres, J. (1993), "Túmulos tardíos en el NW. RB1: piezas", *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*, vol. I, Vigo, pp. 411-415.

Vasconcellos, J. L. (1905), "Notice sommaire sur le Musée Éthnologique Portugais", *O Archeologo Português*, vol. X, Lisboa, pp. 65-71.

Vasconcellos, J. L. (1915), *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa.

A NECRÓPOLE DE "AGRA DE ANTAS"

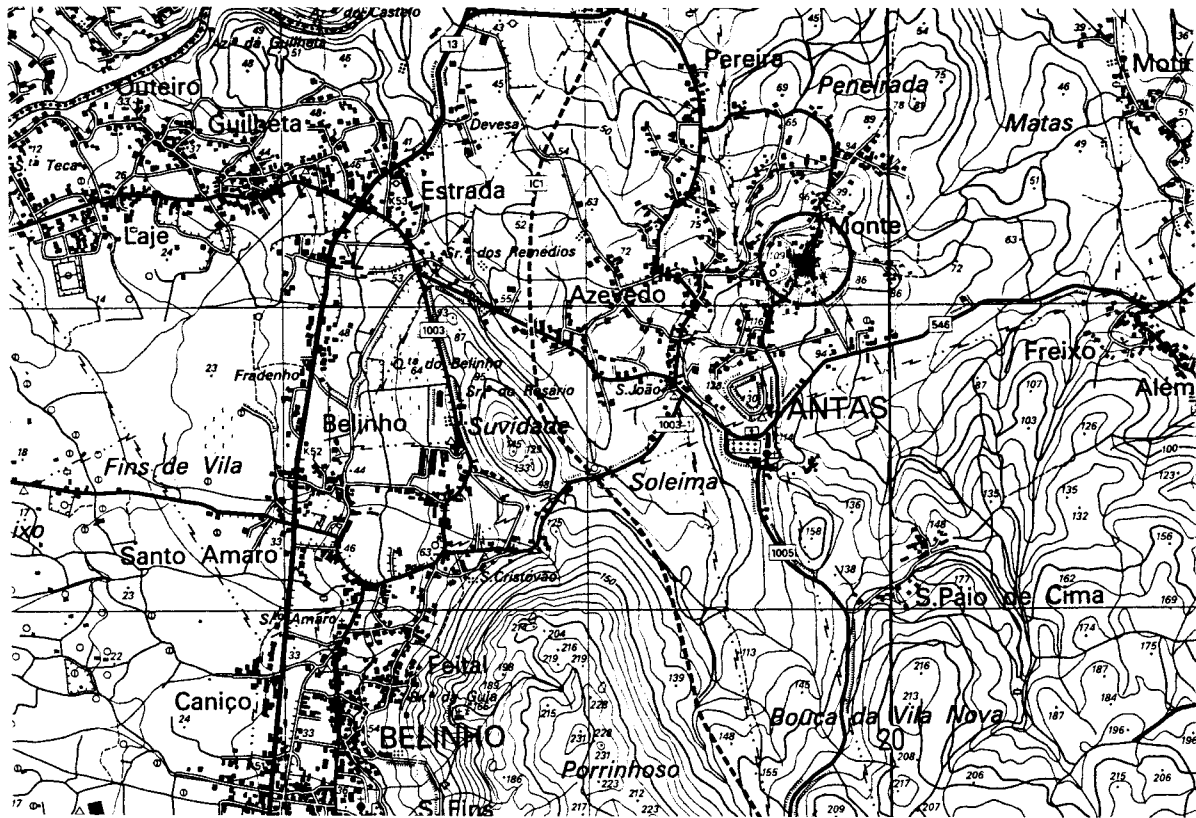


Fig. 1 — Localização da estação ("Carta Militar de Portugal", escala de 1/25.000, fl. 54 (Marinhas — Esposende), 2ª ed., 1997).

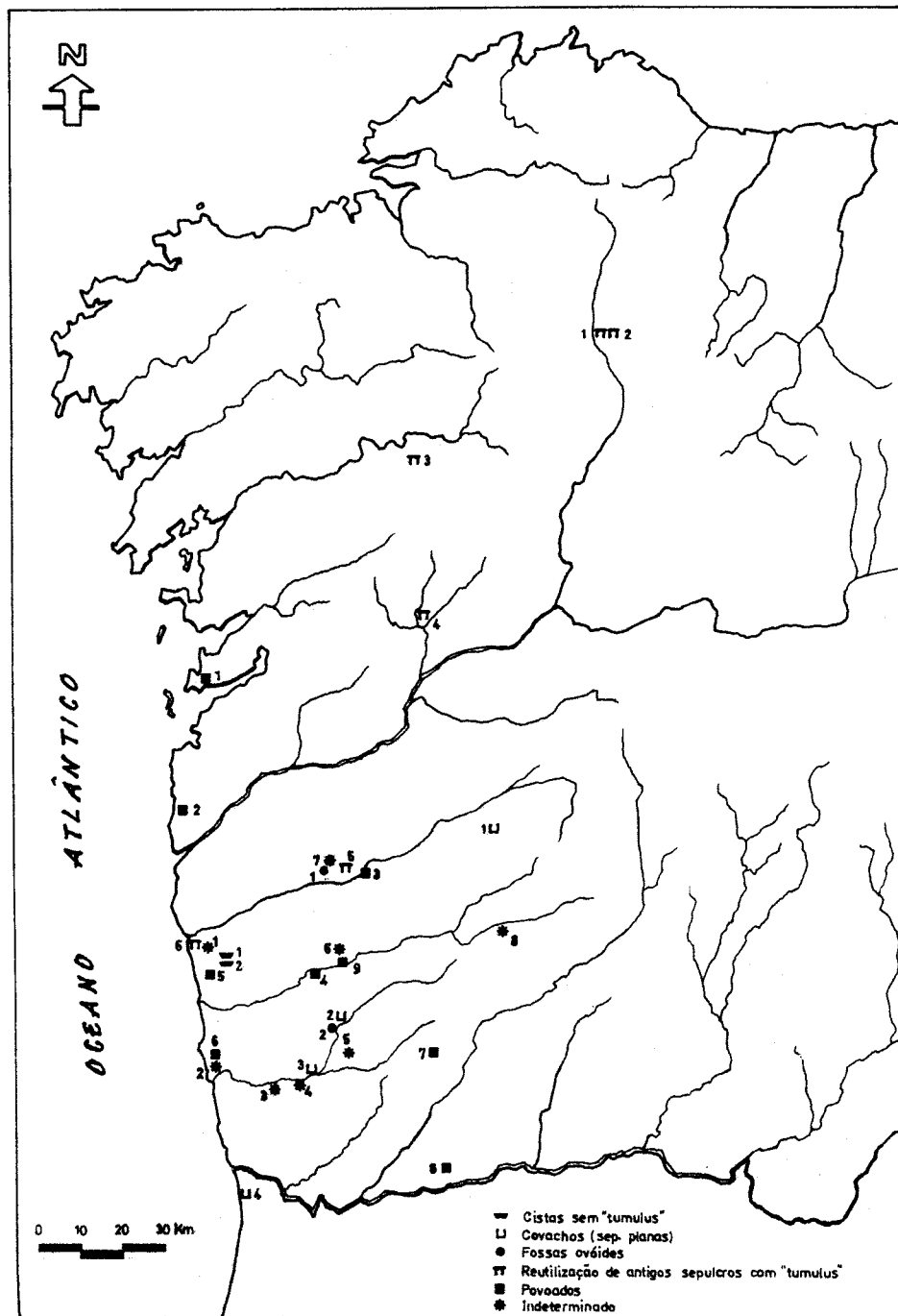


Fig. 2 — Distribuição geográfica do vaso de "largo bordo": *cistas sem tumulus*: 1. Agra de Antas (S. Paio de Antas, Esposende); 2. Belinho (S. Paio de Antas, Esposende); *covachos*, de planta sub-retangular ou ovalada, de fundo chato ("sepulturas planas"): 1. Coto da Laborada (Caivos de Randin, Ourense); 2. Monte de Baixo/Barqueiro (S. Cláudio do Barco, Guimarães?); 3. Quinta da Bouça (Bairro, V. N. Famalicão?); 4. Alto da Vela (Gulpilhares, V. N. de Gaia); fossas, de perfil ovóide: 1. Quinta da Seara (Paçô, Arcos de Valdevez?); 2. Faisca (Caldelas, Guimarães); *reutilização de antigos sepulcros com tumulus*: 1. Outeiro de Rei (Guillar, Lugo); 2. Mamoá de Martul (Outeiro de Rei, Lugo); 3. Marco de Camballón 5 (Vila de Cruces, Pontevedra); 4. Xendive (Boborás, Ourense); 5. Chã de Arcas/Cumieira (Vale, Arcos de Valdevez); 6. Chafé (Chafé, Viana do Castelo); *povoados*: 1. Costa da Seixeira (O Hio, Pontevedra); 2. Portecelo (O Rosal, Pontevedra); 3. Penacova (Vale, Arcos de Valdevez); 4. Sola (Palmeira, Braga); 5. Talhoz (S. Paio de Antas, Esposende?); 6. Terroso (Terroso, Póvoa de Varzim); 7. Pedroso (Rego, Celorico de Basto); 8. Bouça do Frade (Campelo, Baião); 9. Santinha (Amares, Braga); *contexto indeterminado*: 1. Monte da Oia (Vila Fria, Viana do Castelo); 2. Touguinha (Touguinha, Vila do Conde); 3. Póvoa (Guidões, Stº Tirso); 4. Corvilho (Stº Tirso); 5. Veiga (S. Martinho de Sande, Guimarães); 6. Caldelas (Caldelas, Amares); 7. Arcos de Valdevez (MNA-17560); 8. Barroso (Vila da Ponte, Montalegre).

A NECRÓPOLE DE "AGRA DE ANTAS"

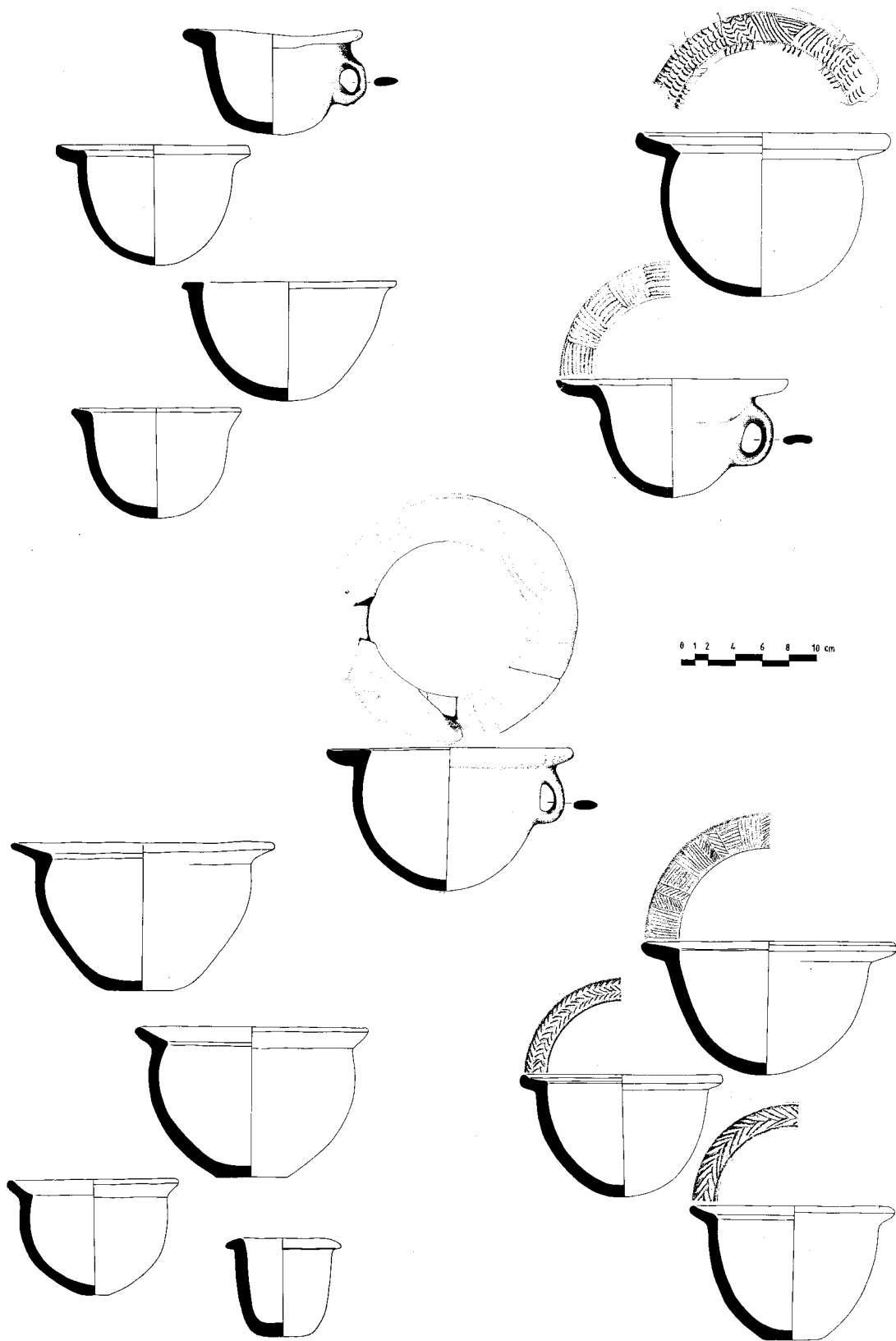


Fig. 3 — Vasos cerâmicos das sepulturas de "Agra de Antas". Des. A. Fernando Barbosa e T. Soeiro (seg. Soeiro, 1988: fig. 5 a 9).

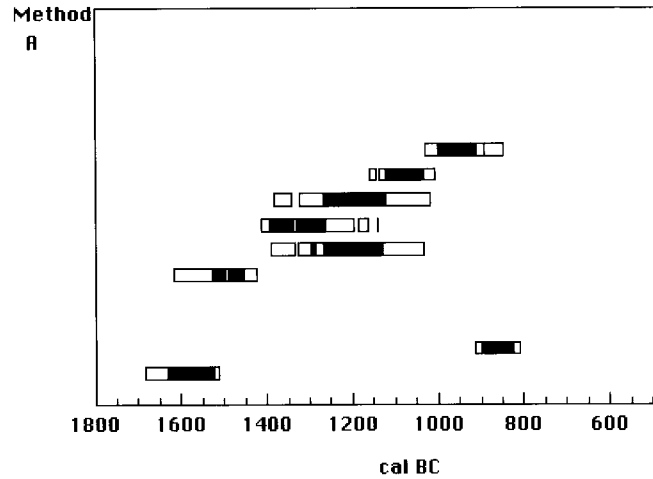


Fig. 4 — Representação gráfica das datações convencionais calibradas dos contextos habitacionais (Sola e Bouça do Frade) e sepulcrais e/ou culturais (Tapado da Caldeira, Casinha Derribada, Agra de Antas, Paranho e Alpiarça) do Centro e Norte de Portugal (Quadro I). Método A (Período convencional “Libby” de 5568 anos e intervalos de confiança de ± 1 sigma (68,26%) e 2 sigma (95,46%). A calibração foi realizada com o *Radiocarbon Calibration Program*, Quaternary Isotope Laboratory, Universidade de Washington, versão 3.03c, curva de 20 anos (M. Stuiver e P. J. Reimer, 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230).

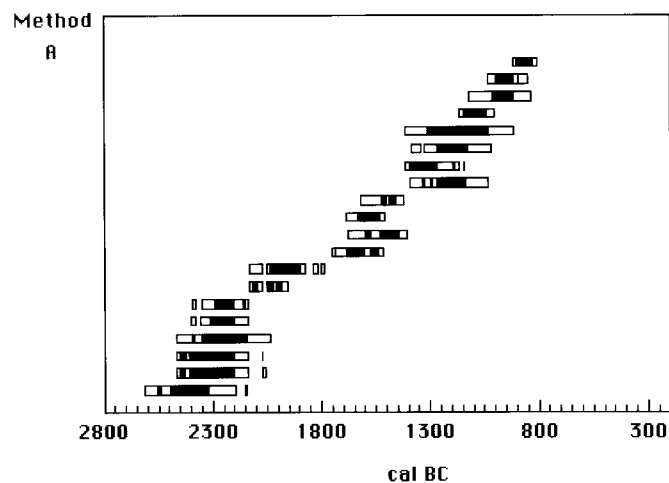


Fig. 5 — Representação gráfica das datações convencionais calibradas dos contextos habitacionais e sepulcrais e/ou culturais do Centro e Norte de Portugal e da Galiza (Calcolítico Final / Idade do Bronze Final). Quadro I. Método A. (Período convencional “Libby” de 5568 anos e intervalos de confiança de ± 1 sigma (68,26%) e 2 sigma (95,46%). A calibração foi realizada com o *Radiocarbon Calibration Program*, Quaternary Isotope Laboratory, Universidade de Washington, versão 3.03c, curva de 20 anos (M. Stuiver e P. J. Reimer, 1993, *Radiocarbon*, 35, pp. 215-230).

A NECRÓPOLE DE "AGRA DE ANTAS"



Fig. 6 – Vasos de “largo bordo horizontal” exumados nas cistas de “Agra de Antas”. Foto de A. Augusto da Silva, 1940 (Arquivo do Museu de História Natural / Faculdade de Ciências da Universidade do Porto).



Fig. 7 – Cistas da necrópole de “Agra de Antas” (Esposende, Braga). Foto de J. R. Santos Júnior, 1939 (Arquivo do Museu de História Natural/ Faculdade de Ciências da Universidade do Porto).



Fig. 8 – Idem. Esqueleto de uma das sepulturas. Foto de J. R. Santos Júnior, 1939 (Arquivo do Museu de História Natural/Faculdade de Ciências da Universidade do Porto).

